

## O "Livro da Educação" do *Livro dos Ritos*

Ho Yeh Chia<sup>1</sup>  
(Introdução e tradução)

**Resumo:** Apresentação e tradução do clássico chinês "Livro da Educação", incluído no "Livro dos Ritos", editado por Confúcio.

**Palavras Chave:** Clássicos chineses. Livro da Educação. Livro dos Ritos. Confúcio.

**Abstract:** Presentation and translation of the classic of Ancient China: "Book of Education", included in the "Book of Rites", edited by Confucius.

**Keywords:** Ancient China. Book of Education. Book of Rites. Confucius.

O texto, cuja tradução apresentamos a seguir, foi escrito há milhares de anos, por sábios chineses antigos. Mais tarde foi incluído no *Livro dos Ritos*, uma obra desde sempre muito valorizada pelos intelectuais chineses, desde sua edição por Confúcio.

Como profissional em educação, é sempre estimulante o diálogo com esse texto e renovar a grata surpresa do encontro com a sabedoria educacional da antiga China.

Se, hoje, a nossa educação está dividida entre dar instrumentos básicos para que os cidadãos possam sobreviver na sociedade (incluída a formação técnica para o mercado de trabalho) e a formação do homem como pessoa (com suas emoções e em suas dimensões física e psicológica), como ser ético, como cidadão (ser social); podemos, através deste texto, constatar que outrora - em termos abstratos - não foi muito diferente. No entanto, quanto ao modo de educar, os antigos chineses eram preparados de modo bem distinto. E o mesmo se diga da formação dos mestres.

Na concretude dos pequenos valores (que, afinal, não deixam de veicular e consubstanciar os grandes ideais educacionais) encontram-se muitas diferenças (embora os grandes princípios sejam eternos e possamos ver no texto que eles continuam plenamente atuais). Tal como ocorre hoje, a educação escolar tinha preocupações muito amplas, porém os antigos privilegiavam pontos que, para nós, estão esquecidos, sobretudo nas escolas. Quem hoje prioriza valores como: o respeito para com os virtuosos; o senso para distinguir o certo do errado; o bom relacionamento entre colegas; o respeito aos mestres; a capacidade de escolher amigos certos; a boa compreensão das realidades do mundo; ter opiniões próprias, firmes e sem hesitações, e ao mesmo tempo saber não contrariar e não ofender seu mestre?

Por outro lado, é oportuno notar que há ideias nesse texto, tão antigo, que vêm ao encontro de muitos ideais educacionais hoje propostos. Destaco alguns como: a importância da educação e do processo de aprendizagem no âmbito pessoal e social (aliás, esta preocupação é característica de sociedades confucionistas); a preocupação com a tranquilidade interior do aprendiz; o sentido construtivo de benefício mútuo entre o aprender e o ensinar; o estímulo à pesquisa e aos estudos em grupo; a ideia de que as perguntas, dúvidas e percepção de erros devem partir dos próprios aprendizes; obter o interesse e bom resultado dos aprendizes conquistando primeiramente seu gosto por aprender e despertando seu amor pelas artes e outros objetos de estudo;

---

<sup>1</sup>. Professora Doutora do Curso de Língua e Literatura Chinesa da Fflchusp.

evitar erros antes de que eles aconteçam; orientar os educandos no exato momento em que eles necessitam; saber ensinar adequadamente conforme o nível de cada um; seguir uma ordem do processo de aprendizagem sem pressa; e fazer com que cada um cultive suas qualidades e corrija seus defeitos.

Assim, parece-me extremamente oportuno trazer esse texto para a reflexão pedagógica de hoje, como luz que nos ajude a examinarmos nossos êxitos e fracassos.

Cabe lembrar que uma das características dos antigos chineses (e do Oriente em geral) é sua maneira concreta de ver e de lidar com o mundo: os "argumentos" e as explicações são feitos por meio de comparações, geralmente com realidades imediatamente compreensíveis pelo leitor. Atente-se também para a valorização - incomensurável com a nossa sociedade - da figura do professor e a reverência para com a educação. Outro fator imensamente sugestivo é o da interação - já se disse que o Oriente não é ativo nem passivo, mas voz média - entre o ensinar e o aprender: o mestre aprende ensinando. Note-se, ainda, a perspectiva ampla e universalista de relacionamento da aprendizagem que o texto propõe.



Na tradução, procuramos preservar algo do sabor original do chinês clássico.

## **O Livro da Educação**

Aquele que tem comportamentos adequados às leis e que busca a amizade de pessoas boas, só pode fazer pequenas realizações; não pode despertar a admiração dos outros. Aquele que respeita os virtuosos e que ama até os que estão longe de si, pode comover e despertar a admiração de multidões. Um príncipe que deseja tornar o povo civilizado, tem de começar pela educação.

A esmeralda que não é talhada, não pode se tornar um vaso; um homem que não é educado, não pode se tornar um sábio. Todos os Antigos Príncipes, que fundaram uma dinastia e que governaram um povo, começaram por privilegiar a educação. Diz o *Livro das Escrituras*: "Deve-se pensar sempre em aprender, desde o princípio até o fim".

Pode haver deliciosos alimentos, mas se não os experimentarmos, nunca conheceremos seus sabores; pode haver grandes sabedorias, mas se não estudarmos, nunca conheceremos o bem que elas podem nos proporcionar. É por estudar que descobrimos a nossa ignorância; é por ensinar que sabemos onde estão as dificuldades. Somente quando reconhecemos a nossa ignorância é que podemos nos examinar e refletir concretamente; somente quando sabemos onde estão as dificuldades é que podemos progredir. Portanto, aquele que ensina e aquele que aprende se beneficiam

mutuamente. É nesse sentido que se disse no *Livro das Escrituras*: "Ensinar pode aumentar metade do seu saber".

Antigamente, para cada vinte e cinco famílias, havia uma escola primária; para cada quinhentas famílias, havia uma escola média; para cada quinze mil famílias, havia uma escola secundária; e havia Escolas Superiores em todas as cidades que tinham um príncipe ou um duque. Todos os anos havia alunos principiantes, a cada dois anos era feita uma avaliação geral do desempenho e do progresso dos estudantes: no primeiro ano o estudante era avaliado pela sua capacidade de leitura correta (pausas, cortes, frases, pontuação) [no antigo chinês, a pontuação, não grafada, ficava exclusivamente por conta do leitor] e seu senso de distinguir o certo do errado; no terceiro ano, era avaliado pelo seu conhecimento e pelo seu relacionamento com colegas; no quinto ano, avaliava-se a abertura e a amplitude de seus estudos e também seu respeito aos mestres; no sétimo ano, avaliava-se sua capacidade de investigar e indagar os conhecimentos e sua capacidade de escolher amigos. Se fosse aprovado, formar-se-ia como "Pequeno Realizado". No nono ano, o estudante deveria compreender bem as realidades do mundo, deveria ter opinião própria (firmes e sem hesitações), e ao mesmo tempo saber não contrariar e nem ofender seu mestre: então tornar-se-ia um "Grande Realizado".

Só depois de ter atingido esse nível é que poderia ensinar as pessoas e torná-las civilizadas, e assim poderia conquistar os que estivessem perto; e os que estivessem longe viriam admirá-lo e segui-lo.

Este é o caminho da Grande Aprendizagem. É nesse sentido que se compreende o que está escrito nos registros antigos: "Os filhotes das formigas aprendem o tempo todo como carregar as terras, pois só assim é que se poderá construir um grande formigueiro".

As primeiras coisas que se aprendem ao ingressar na "Escola Superior" são: o uso dos vestes rituais e as cerimônias de sacrifício aos mestres antigos, para que pratique a manifestação adequada do respeito; as três primeiras canções dos Cantares (*Xiau-Ya*), para que saiba como servir à pátria; tocam-se os tambores para atrair e reunir os alunos novos, abrem-se as estantes para distribuir os livros, e os barulhos dos tambores servem de alerta aos alunos para que se dediquem aos estudos. Esvaziar as estantes lembra aos alunos que devem aprender com dedicação. *Jia* e *Chu* (caules e raízes finas das árvores) impõem o respeito alertando os alunos para que observem as regras e que se comportem conforme determinam os ritos.

Príncipes e Duques, se não assistirem previamente ao Grande Sacrifício, não visitarão as escolas, para que cada um siga seus ideais. Mestres observam o tempo todo seus discípulos sem dizer nenhuma palavra, para que cada um, ao estudar com atenção, possa perceber suas dúvidas e erros (e então investigá-las, pois as questões devem partir dos próprios alunos). Os mais novos só assistem à aula, não fazem perguntas, para que não saltem os níveis de aprendizagem. Estes sete pontos são os grandes princípios da educação. Por isso, diz-se nos *Registros Antigos*: "para aprender a ser um oficial, aprende-se antes sobre como resolver um problema público; para aprender como ser um erudito, aprende-se antes sobre como firmar a vontade [gosto] pelo estudar".

O ensino da "Escola Superior" é dividido pelas Estações do ano.

Cada Estação tem seus determinados estudos a ser cumpridos. Se, por alguma razão, o aprendiz tem de ficar em casa, terá também seus estudos a cumprir em casa. Não pode haver pressa na aprendizagem: não se pode aprender bem a tocar os instrumentos musicais de corda sem antes ter feito trabalhos pequenos (de limpeza, de manutenção ou de afinação dos instrumentos); não se pode aprender bem os cantares

sem antes ter feito amplamente sentenças de comparações; não se pode aprender bem os ritos sem antes ter aprendido sobre as vestes rituais; não se pode gostar de aprender sem antes ter despertado em si o gosto pelas artes. Portanto, a aprendizagem de um *junzi* [o homem sábio e bom] está permanentemente em seu pensamento, exige seu esforço constante, até nos momentos de descanso e de lazer; só assim é que se pode aprender com total tranquilidade e que se pode aproximar intimamente dos mestres, relacionar-se bem com os amigos e confiar na sua aprendizagem; assim, mesmo longe de seus mestres, ele não cometerá erros.

Por isso, dizem as *Escrituras*: "Para que o estudo se realize é preciso que dedique toda sua vontade, aprenda com modéstia, e busque, sem desperdiçar o tempo, o progresso com diligência".

Os professores atuais cometem erros por apenas fazer leituras dos textos, por fazer advertências antecipada e demasiadamente (sem esperar que os aprendizes descubram seus próprios erros ou dúvidas), por ter pressa em avançar as lições, e por não se preocupar com a tranquilidade interior - a compreensão dos estudos - dos alunos, por orientar sem sinceridade e sem convicção, por ensinar sem o total desempenho, esforço, e talento. Portanto, o que ensinam não respeita a ordem do processo de aprendizagem, e o que "cobram" dos alunos é inadequado.

Assim, os alunos sofrem com os estudos e acabam odiando os professores, pois só encontram dificuldades nos estudos, não encontram a sabedoria; ainda que terminem o estudo, esquecer-se-ão com facilidade. Eis as razões pelas quais a educação fracassa.

O ensino da Grande Aprendizagem deve saber evitar erros antes de que eles aconteçam; deve orientar os alunos no exato momento em que eles necessitam; deve saber ensinar adequadamente conforme o nível de cada um; deve fazer com que os alunos se observem, estudem, discutam as lições juntos e progridam com ajuda mútua (fazer com que aprendam com as qualidades dos colegas). Esses quatro pontos são fatores responsáveis pelo sucesso da educação. É muito difícil corrigir ou evitar a repetição de um erro uma vez cometido; é muito difícil aprender algo depois de ter passado o momento oportuno; é muito difícil ensinar fora da ordem do processo de aprendizagem; é muito difícil descobrir sozinho sem ter colegas para discutir. Fazer amizade com pessoas inadequadas, facilmente opõe-se aos ensinamentos dos mestres; seguir um caminho errado, facilmente leva ao abandono dos estudos; eis os seis fatores que levam ao fracasso da educação. Um sábio [*junzi*] que conhece os fatores que podem levar ao fracasso e ao sucesso da educação pode ser um mestre. Portanto, o ensinamento de um sábio apenas guia e orienta, não força nem obriga; apenas motiva, incentiva e firma o gosto pelo estudo, não priva, não proíbe, não controla; apenas abre o caminho para os grandes princípios e não discute os pequenos detalhes. A educação que orienta e não obriga pode fazer com que os alunos sintam sua suavidade e afabilidade; a educação que incentiva e que não controla pode fazer com que encontrem facilidades para estudar; ensinar apenas o principal e não dar detalhes "mastigados" faz com que pensem e investiguem por conta própria. Conseguir que os alunos sintam suavidade e facilidade na aprendizagem, e fazer com que busquem respostas através de investigação e pensamento próprios, pode-se dizer que isto é saber ensinar.

Aprendizes podem ter quatro tipos de defeitos, os mestres devem conhecê-los: há aqueles que aprendem excessivamente, buscando quantidade e não qualidade (erram por aprender muito); há outros que aprendem insuficientemente (erram por aprender pouco); há aqueles que buscam velocidade e não a profundidade e amadurecimento (erram por aprender superficialmente); há outros que se satisfazem

pelo pouco que aprenderam, limitam-se a si próprios e param de progredir (erram por parar de aprender).

Esses quatro tipos de defeitos têm suas diferenças, um mestre deve conhecê-las e, então, orientar discípulos de modo que possam suprir e superar seus defeitos. A educação deve fazer com que cada um cultive suas qualidades e corrija seus defeitos. Se há uma pessoa com dom de cantar, sua voz deve ser um exemplo para os outros; se há uma pessoa com dom de ensinar, seus propósitos [saberes, intenções, - não são técnicas ou métodos] devem ser um exemplo para os outros: suas falas devem ser simples, objetivas e claras, profundas e precisas.

Sua falas devem ser simples e claras, devem ser poucas e precisas e usar comparações de fácil compreensão.

Um sábio deve conhecer as dificuldades e as facilidades nos estudos, deve conhecer o potencial de cada aluno, só assim é que poderá ensinar a muitos com sucesso, e então ser um mestre; somente sendo um mestre é que poderá ser um líder, e então ser um chefe. Pois ser um mestre é ser um chefe. Portanto, devemos ter muita prudência na escolha de um mestre. Nos Livros Antigos está escrito: "Os três Reis que fundaram seus Estados, e que governaram por quatro gerações, todos souberam escolher e respeitar seus mestres".

No caminho da aprendizagem, respeitar mestres é um difícil aprendizado, mas somente respeitando seu mestre é que pode um homem respeitar o saber; somente respeitando e valorizando o saber é que poderá se dedicar ao aprender. Um Príncipe Dirigente não trata um vassalo como subalterno em duas circunstâncias: durante um ritual de cultivação de espíritos divinos, quando o vassalo está ritualmente representando algum espírito divino; e quando o vassalo é seu mestre. Segundo a "Grande Escola", quando um mestre dá aula para um Príncipe Dirigente [Filho do Céu], não deve cumprir ritos de reverência a este como um vassalo comum, porque até mesmo um príncipe deve respeitar seu mestre, não deixando que este curve seu corpo diante de um discípulo seu.

Ensinando a uma pessoa que sabe como aprender, o mestre poupará muito trabalho, e ainda assim obterá o dobro do resultado, e o mérito do mestre é louvado. Ensinando a uma pessoa que não sabe como aprender, o mestre terá muito trabalho, e ainda assim só obterá a metade de resultado esperado, e o fracasso do mestre é odiado. Um aprendiz que sabe fazer perguntas certas, é como cortar madeiras: cortando primeiramente as partes fáceis e só depois a parte dos nós, assim, com o tempo, o aprendiz e o mestre vão mergulhando na compreensão dos estudos de forma profunda e com alegria. Já um aprendiz que não sabe fazer perguntas, faz justamente o contrário.

Um mestre que sabe responder as dúvidas é como um bom tocador de sinos: quando toca com leveza, o som será suave; quando toca com força, o som será vibrante, e cada tom estará no seu devido lugar e na sua boa hora, e será possível distinguir todos os diferentes tons. Quem não sabe responder às dúvidas, faz justamente o contrário. Isso tudo é caminho para boa aprendizagem e bom ensinamento.

Apenas memorizar um grande número de informações diferentes, não é suficiente para constituir um mestre. Um mestre deve saber esperar que o próprio aprendiz faça perguntas segundo suas próprias dificuldades, e então dar-lhe respostas certas. Se o aprendiz não tiver capacidade para fazer perguntas, aí é que o mestre deve expor as explicações; e se mesmo dando respostas certas o aprendiz ainda não puder compreender, pode-se deixá-lo provisoriamente de lado.

O filho de um bom ferreiro saberá bem as técnicas de fundir as lâminas de ferro para consertar recipientes e até sabe aplicar a mesma "lógica" para consertar vestes de pele de animais. O filho de um bom artesão de arco saberá usar a técnica de encurvar arcos para fazer outros instrumentos como uma cesta de arroz, por exemplo. Quando se ensina cavalos a puxar carros, deve-se colocar os filhotes para seguir seus pais, por trás dos carros, assim eles também aprenderão. Só quando um sábio começa a observar esses três exemplos é que ele pode começar a se dedicar a aprender.

Os antigos aprendizes gostavam de fazer comparações com coisas semelhantes: o tambor não faz parte das notas musicais, mas as notas não serão harmoniosamente tocadas sem o tambor; a água não faz parte das cores, mas as cores não poderão ser distinguidas sem a água; a aprendizagem não faz parte dos sentidos humanos, mas os sentidos não serão desenvolvidos sem a aprendizagem; o mestre não faz parte das relações de parentesco, mas as relações de parentesco não poderão ser harmoniosas sem o ensinamento do mestre. Diz um sábio [*junzi*] que "as grandes virtudes não estão limitadas a realizar apenas uma certa tarefa; os grandes saberes não têm apenas uma função; os grandes confiáveis não necessitam fazer promessas; as grandes ordens nem sempre têm limites bem definidos". Quando alguém puder compreender esses quatro pontos, pode começar a estudar. Antigamente, os Reis, quando sacrificavam ao Espírito da Água, sacrificavam primeiramente ao Espírito do Rio e só depois é que sacrificavam ao Espírito do Mar. Porque tudo deve ser realizado com ordem: há aqueles que pertencem ao princípio e ao começo das coisas, e há aqueles que pertencem ao fim. Tem que haver a distinção do antes e do depois; e a isto se denomina "a ordem das coisas".

Recebido para publicação em 22-12-13; aceito em 23-01-14